

Quando Francisco I, Imperador da Áustria, um tanto apreensivo, perguntou a Maria Leopoldina, sua filha, se estava disposta a casar com D. Pedro, filho de D. João, herdeiro da coroa de Portugal e do Brasil, a jovem princesinha, comovida e feliz, entre sorrisos, respondeu:

— Estou, Senhor meu Pai!

E confessou-lhe, aí, que, desde os tempos de menina, vivia alimentando um sonho róseo, tal o de conhecer, de perto, o paraíso tropical da América, com as suas montanhas caprichosas, a sua fauna exótica, tôda uma natureza desordenada e exuberante — grandes rios, grandes cascatas, grutas encantadas, e, à flor da terra ardente e amiga, como bênção do céu, o fulgor das riquezas mineiras, atiradas a êsmo; o ouro em pepita, a esmeralda, a safira, a turmalina, o topázio e o rubi. Maria Leopoldina exultava, radiante. Nesse momento, o noivo que seu pai lhe oferecia não era, a bem dizer, o Príncipe D. Pedro, herdeiro da coroa de Portugal e do Brasil, mas, o próprio Brasil! Beijou a mão ao pai, agradecida. Que a pedissem, portanto. Aceitaria.

A arquiduquesa D. Leopoldina era uma princesa feia, pequena, gorda, de olhos azuis e de cabelos louros. Tinha vinte anos e a epiderme do rosto tão vivamente carminada que Boeche, mais tarde, ao avistá-la, chegou a atribuir-lhe, injustamente, pendoros alcoólicos. Não possuía formosura, porém era bem-educada, e, sobretudo, muitíssimo

instruída. Falava bem vários idiomas estrangeiros tendo pelas ciências naturais um amor singular. Amava, ainda, a equitação, os prazeres da caça, os exercícios desportivos, isso, porém, sem prejuízo dos seus deveres sociais junto à Côrte, uma Côrte que passava por ser das mais severas e faustosas da Europa pelo tempo.

Para D. Francisco pode bem ser que o único interesse dêsse consórcio fôsse o de colocar, sem perigos de oferta, uma princesa feia, talvez difícil de casar. D. João, porém, tinha, por tal consórcio, interesses bem grandes. O Império da Áustria, que encabeçava, no momento, a Santa Aliança, era, no Velho Continente, uma influência tal, que, muitas vezes, em cheque punha, até, o prestígio do inglês, o amigo-urso do triste Portugal cada vez mais amigo e cada vez mais urso. Com os Habsburgos na família, de qualquer forma os ônus da aliança com a Inglaterra haviam de mudar. Se haviam!

A princípio sonhara D. João casar uma das filhas (Isabel Maria) com um irmão de Leopoldina, o herdeiro da coroa. Não foi feliz na tentativa. Levou um não, redondo, do Papai.

Por isso, indo bater, de novo, às portas de Viena, cerçou-se das maiores precauções, chegando a declarar que questão não fazia de Princesa, disposto como estava Pedro, seu filho e herdeiro, a casar com aquela que o Imperador lhe desse. Qualquer uma servia. O principal é que ela fôsse, além de mulher, austríaca. O resto...

O sortimento da Casa da Áustria, pelo tempo, não era grande no artigo. Contudo, sempre havia duas princesas a casar: Leopoldina, a mais velha e Carolina que, além de ser mais moça, era, também, muito bonita. D. Francisco I, a quem D. Pedro dera carta-branca para escolher a noiva, fêz, afinal, o que devia. Como excelente pai e melhor

rei guardou, retendo, Carolina, desencilhando a Leopoldina. Já Camões tinha escrito:

Labão, pai de Raquel, serrana bela...

Quando a nova chegou a São Cristóvão, D. João, alegrado e nervoso, mandou chamar o filho.

— Está decidido o casamento. Viena cedeu! Tua noiva é a mais velha. E a mais bonita. Maria Leopoldina.

— Maria Leopoldina?

Era a primeira amarra lançada ao trono austríaco. O Regente, entretanto (reparem só no abuso), não estava, ainda, de todo satisfeito. Queria outro casamento. Na Casa da Áustria, se ia casar o filho, porque não casaria, também, a filha? Revezassem-se os Príncipes Herdeiros, o de cá e o de lá. Nada mais natural. Pois não era?

Certa vez, Metternich, sendo espremido sobre o assunto, avisado e matreiro, depois de esfregar as mãos tranqüilamente, respondeu ao plenipotenciário português:

— Pode ser... Quem sabe! Pode ser... Em futuro, quiçá, bem próximo. Talvez...

Assim vinham as novas de Viena, transbordantes de "vivas esperanças". Talvez a coisa se fizesse.

— Há de se fazer! rosnava D. João de cá.

— Claro que há de se fazer, repetiam, em cântico, os seus aflitos e devotados conselheiros.

O que se pretendia, finalmente, não era coisa do outro mundo, porque se Portugal não tinha a projeção de uma potência, como a Áustria, o Trono Português repousava em um país quase tão grande como a Europa inteira. E rico, dos mais ricos países existindo sobre a face da Terra.

E foi assim pensando que D. João pensou também em dar à cerimônia oficial do pedido da mão de Leopoldina, a marcar-se, em Viena, um caráter de grande pompa,

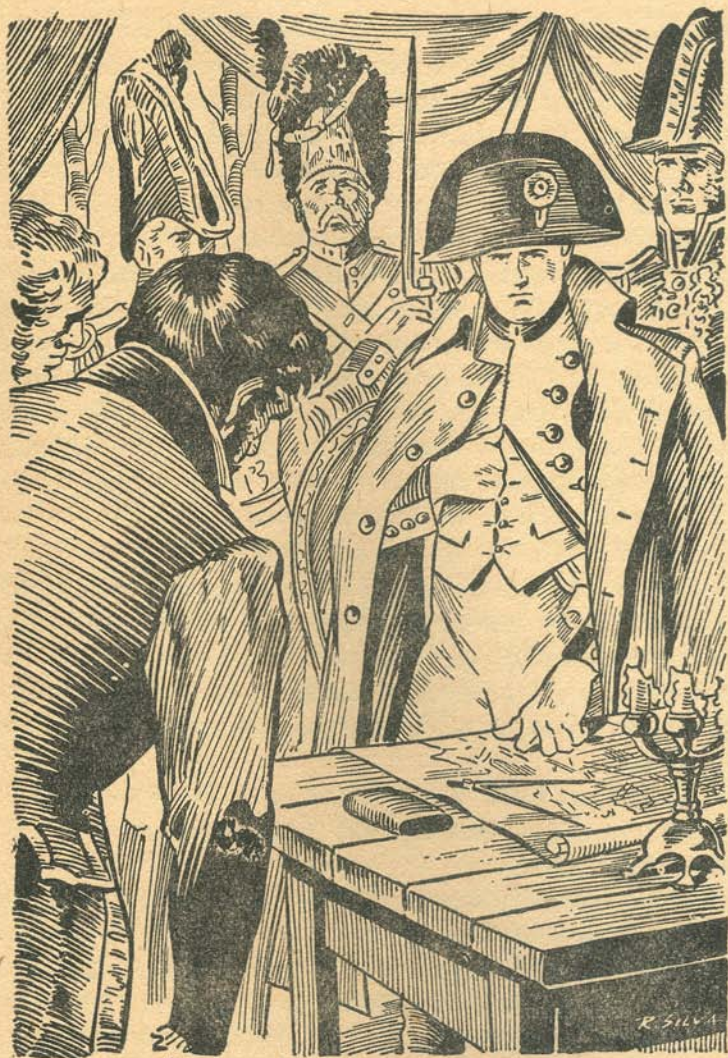
de luzimento extraordinário, pompa que lembrasse a grandeza de seu grandioso Império Americano. Por que não? D. Francisco I havia de sentir, na magnificência da cerimônia a realizar-se, o poder, a riqueza do país, onde êle, D. João, soberano absoluto, mandava e desmandava.

Tais anseios, assim, de alarde e ostentação, não eram comuns no Príncipe. O homem, de repente, mudara por completo. E que mudança! Lembrava, até, o bisavô, D. João V. Não parecia mais o Rei Pataco das casacas cerzidas e das meias a cair, pernas abaixo, porém um novo Salomão. O Salomão de S. Cristóvão.

Reune-se o Conselho de Ministros e logo se resolve enviar à Côrte de Viena uma embaixada teatral. A de Tristão da Cunha, nos tempos de D. Manuel, formaria uma comprida e fulgurante procissão de trombeteiros, de chameleiros, em meio a rinocerontes africanos, a elefantes, mandados vir do Oriente, tudo isso a explicar o valor das conquistas portuguesas, o poderio e a imperecível glória do augustíssimo Avis.

'Em Viena da Áustria, uma embaixada, assim, talvez valesse a pena. Contudo, os tempos já eram outros e os animais exóticos da selva brasileira não eram de natureza a impressionar ninguém. O tapir, além de muito arisco, nunca foi muito estético; os grandes simios, inconvenientes; as sucuris e as boas, um tanto perigosas. Quanto aos trombeteiros e chameleiros... Pensou-se, então, para chefiar essa Embaixada, no Marquês de Marialva. O Marialva bastaria, certo. Formar-se-ia, além disso, uma procissão de côches, de cavalos, de bandeiras, tudo faustosamente apresentado, num luzimento, até então sem igual, isso sim, num luxo escandaloso e de espantar.

O pior é que as finanças da terra brasileira andavam sèriamente combalidas. A tropa já se deviam meses e meses atrasados. Os suprimentos extras, a fidalgos, há muito



Foi um daqueles nobres traidores que compunham a comitiva que foi pedir a Napoleão, em Baiona, após a saída da Corte Joanina, de Lisboa, em 1808, um rei, porém um rei que fôsse da vontade do tirano francês, infâmia conhecida e registrada entre os fatos mais escandalosos da história portuguesa.

tempo já não se faziam. Paravam-se serviços, adiavam-se empresas. Nas arcas do Tesouro o numerário entrava, porém depressa desaparecia. Fêz-se questão, entanto, da farófia, da empáfia, da impostura. Carta branca ao Marquês para gastar. O que quisesse. O que fôsse!

Quando o grande Marialva soube, em Paris, da vontade de El-Rei, exultou. Esse Marialva, que era um gozador da vida, amando, como o pai, as exterioridades dêste mundo, foi um daqueles nobres traidores que compunham a comitiva que foi pedir a Napoleão, em Baiona, após a saída da Côrte joanina, de Lisboa, em 1808, um rei, porém um rei que fôsse da vontade do tirano francês, infâmia mais que conhecida e registrada entre os fatos mais tristes e mais escandalosos da história portuguesa.

O coração de D. João era de uma bondade criminosa. Em vez de um bom castigo, o Marquês de Marialva tinha, como prêmio de sua torpe felonía, uma berlinda em caixa de ouro e de cristal, fâmulos, cavalos e, como Embaixador especialíssimo, ia em grande viagem ao Império da Áustria representar, junto aos Habsburgos, a portentosa Casa dos Braganças.

Chegando êle a Viena, antes da cerimônia oficial do pedido, ouve uma vez a ingênua princesinha que lhe dirige esta pergunta:

— Quais os estudos prediletos do que será meu noivo, Senhor Embaixador?

Pigarreou, um tanto surpreendido, o Marquês, que, entanto, se quisesse responder poderia: — o Príncipe ama, apaixonadamente, a matemática, a astronomia... ou, S. A. R. tem grande pendor pelos clássicos gregos, adora, ainda, os romanos...

Pensou, entanto, e respondeu:

— Assim, como Vossa Alteza, o Príncipe D. Pedro tem pendor pela História Natural.

Leopoldina teve um gesto infantil, batendo palmas!

— História Natural! Também! Oh!

Foi por isso que ela, como reza a História trouxe para o seu noivo, no Brasil, uma formosa coleção mineralógica e mudas de plantas européias, muitas das quais não resistiram e desapareceram aos rigores da terra tropical.

Vale ainda registro o que a Princesa disse, de outra feita, ao grande Embaixador (e por êle contado em um dos seus ofícios), falando do retrato do seu noivo, pôsto num lindo medalhão, todo cercado de diamantes e de outras pedras preciosas: — *que muito coincidiam as feições do retrato que ela via, com a idéia que ela formava das virtudes morais possuídas pelo augusto original...*

Talvez sorrisse o Marquês de Marialva, nesse momento, numa impressão de lógica surpresa, ouvindo sair da boca amável da inocente Princesa tão cândido propósito. Talvez sorrisse, o Marquês...

Passou o Mirialva três meses na Côrte da Áustria, preparando, meticulosamente, a cerimônia da sua entrada oficial. Essa entrada magnífica vale por um filme. O teatro não basta. Tentemos descrevê-la, embora de modo rápido.

Mês de fevereiro de 1817. Dia 17.

O Príncipe José Schwartzemberg tinha cedido o seu palácio, junto à porta Coríntia, para servir ao Embaixador de Portugal. Tudo se achava, desde cedo, pronto e em ordem de parada. Grandes côches dourados, grandes cavalos de atrelagem, grandes equipagens. E povo. Muito povo junto, alvorotado, apesar de mostrar-se o dia enormemente frio e da neve que ameaçava cair.

À porta do palácio Schwartzemberg chega um emissário do conde Wilschek, marechal da Côrte, para avisar ao Marquês que, às duas horas, em ponto, iria ao seu encontro

a fim de com êle romper, então, as portas da cidade. É o protocolo. Marialva já está no seu grande uniforme. Já agradeceu, ao emissário, a nova. E o mesmo já partiu, a galope, finda a sua missão.

À hora marcada por entre alas de criados metidos, todos, em librés de sêda ou de veludo, bordados a ouro autêntico e do melhor quilate, impando como um marajá da Índia, o grande Embaixador, coberto de faixas e veneras, após saudar na pessoa do Conde Wilschek, o emissário de Sua Majestade o Imperador da Áustria, vai para o seu côche de cristal, todo dourado a fogo, pisando uma comprida fita de tapêtes que os lacaios estendem. Há o sinal de largar. As cornetas ressoam.

À frente, dois arqueiros, a cavalo, abrem a marcha da portentosa procissão. E, agora, é o desfilar das caixas de ouro dos côches colossais são urcos, são frisões, a puxá-los garbosos e enfestonados. A multidão boquiaberta vai reconhecendo, nas carruagens que desfilam, em balouços gentis, os grandes da comitiva suntuosa: Príncipe Battiany, o de Cohary. Passa o Príncipe Palfy. Aquêle, agora é o de Diatrichentem. O de Aerhey, é outro, logo a seguir. Vem depois o grande Saizendorff. E mais o de Transtmandorff. E os condes: Conde de Lazansky, Conde de Wrbna, Conde Erdady, Conde de Zechi. Há, entretanto, mais outros inúmeros titulados formando a linha enorme dos transportes de luxo. Destacado, vê-se, então, o côche Imperial da Casa da Áustria, com Navarro, encarregado de Negócios de Portugal, e, que, neste momento, é o Mestre de Cerimônias do Marquês. Traz ao lado, de peito duro e olhar sério e solene, o Conde de Wilschek, Marechal do Paço. E ainda ficam passando côches, rútilas vitrinas a faiscar de jóias. Cada um dêles leva, além das equipagens de almofada, de traseira e de cavalo, estribeiros e uma imponente famulagem a pé. Súbito, rompendo a fila numero-

sa das carruagens de espavento, dois cavalos cobertos com telizes de veludo vermelho, mostrando panejamentos guarnecidos de bordaduras de ouro, sôbre os quais assentam as armas do Marquês. São conduzidos por dois magníficos criados que se fazem cercar de moços de estribeira.

Segue a comitiva. Passam os côches dos embaixadores: o de França, o de Espanha, o da Inglaterra. Falta o Núncio. A Mitra declarara, dias antes, que não compareceria à cerimônia por não estar preparada para isso.

Enfim, a multidão respira consolada. E pasma. Chegou a vez do Marialva. Lá vem êle, em seu côche de truz, como em leito de penas, jeitosamente balouçada. Uma carruagem igual em tôda Viena não existe. Verdadeira obra de arte. Custou uma fortuna. Foi comprada em Paris. Feita em talha dourada, mostra nos ângulos da caixa, em símbolos graciosos, risinhos querubins a suportar escudos. Nas alçadas, figuras mitológicas, grande luxo na linha dos traseiros — conchas, carrancas, camafeus, florões, tudo, num desperdício singular de curvas delirantes. Grandes apainelados fora e dentro do escriptorio. Amplos e custosíssimos cristais. Tejadilho de couro completamente arabescado de aplicações metálicas. Grandes maçanêtas de bronze. Que lindos os frisões da atrelagem, mandados vir da Holanda, majestosos, ariscos, a sacudir, nervosamente, a cauda e as crinas prenhes de laçarotes, de berloques de prata e de vidrilho! Os criados de libré, com grandes plumas de avestruz à cabeça, vestem sêda e trazem capotões de volta e pala, todos riscados de galões. Ponhasse, agora, em meio a essa festiva e aparatosa mascarada, os soldados da tropa, em uniforme de gala, o colorido povilêu em ziguezague pelas ruas, as flôres, as fitas, as bandeiras, as charangas e, pelas janelas altas e repletas de gente de bom-tom, colchas, panos e lenços a voar, a voar. A multidão se acotovela em cachos, murmurando:

— É o Marquês de Marialva, o grande Embaixador de El-Rei D. João VI, rei do Brasil, de Portugal e dos Algarves...

Neste instante de glória, D. João, no Rio de Janeiro, dentro de uma berlinda sujota e triste, puxada a mulas, modestamente pôsto, os fundilhos dos calções remendados, a casaca de sêda a esfiapar pelos debruns, deixa São Cristóvão. Vai, como um burguês qualquer, sem batedores, sem escolta, seguido apenas de três ou quatro criados. Pelos caminhos melancólicos por onde está passando só vê pretos, praças de pret, ciganos, um padre aqui, outro acolá... É o grande Rei nos seus Domínios. É o excelso Bragança, César da América, cheirosa e egrégia flor da Monarquia Portuguesa!

Viena inteira vibrou ante o aparato teatral do cortejo magnífico.

Houve, depois disso, outra solenidade, a do pedido em palácio e ainda a festa especialmente oferecida à Côte de Viena pelo famoso Embaixador.

A quantia que se gastou em terra alheia com a pompa de tais festejos, fátuos e colossais, não se queira saber. Uma quantia louca! E os presentes, inúmeros presentes que ainda foram derramados; jóias de alto preço e que não nos custavam poucas libras, fora 167 diamantes da melhor água, várias barras de ouro e ainda as condecorações?... Metternich recebeu um medalhão caríssimo. A caixa em que o mesmo foi metido custou quatro contos e oitocentos, quantia escandalosa, para o tempo. O sacerdote que celebrou a cerimônia dos esponsais abischoitou uma cruz peitoral no valor de mil e duzentas libras! A jóia dada a D. Leopoldina como *cadeau de noce* era tão linda que, ao vê-la, a camareira-mor declarou jamais ter visto coisa igual em dias de sua vida!

E o palácio de festas que construiu, em Viena, Portugal, só para dar ao Imperador e à sua Côrte, um baile, enorme construção que abrigou, numa noite, milhares de pessoas? Na mesa de Francisco I os pratos e os talheres



D.^a Leopoldina, a cavalo. (De um desenho de Higclife)

eram de ouro maciço... Coisa de empalidecer as descrições faustosas que a gente lê sonhando nos contos mágicos das Mil e Uma Noites...

O úbere da terra moça e linda, que era o Brasil, ainda espremido, poderia dar mais...

O ouro do país pagava tudo.

O herdeiro da Coroa e do trono da Áustria teria que ceder, teria que casar com a filha de D. João. Para outra coisa não se criara todo esse luxo, toda essa pompa enorme. Se havia de casar!

Mas não casou.

Diante de tal delírio de grandezas, D. Leopoldina, ingenuamente, estava só pensando — Será possível, Deus do céu? A maravilha que hei de encontrar na Corte do Brasil! Ah, Rio de Janeiro! Rio de Janeiro!

Pensar, agora, no desapontamento da inocente Princesa, abandonando as elegâncias naturais de seu Palácio, dos maiores da Europa, o luxo de uma Corte de verdade, de opulentos Senhores, chegando ao Rio! Chegando e sem haver muita demora, tendo que constatar a ausência da Majestade do Rei-Sogro, os hábitos dissolutos e vulgares da Rainha-Sogra, a educação precária dos cunhados, a indigência da Corte, com uma nobreza esfarrapada, vivendo de pensôezinhas que fornecia o Estado! E isso sem contar outras desilusões que haviam de lhe dar a pessoa do Príncipe e marido — sujeito um tanto desequilibrado, brutal e femeeiro vulgar, o homem das “virtudes morais” do medalhão de Viena, o “estudioso” que tinha pendor especial pelos estudos de ciências naturais...

Pobre Leopoldina!

As desilusões começaram no dia em que ela pôs o pé a bordo da nau lusa que a trouxe ao Rio de Janeiro. Os austríacos acharam os navios muito sujos e com gente de mais, gente que, em geral, lhes parecia malcriada. Era, também, excedente o número de animais, sobretudo, cães, que exalavam muito mau cheiro (Tobias Monteiro — *História do Império*).

Os cozinheiros portugueses, mandados especialmente, de Lisboa, para cozinhar a bordo, desagradaram até a

Marialva, que escrevia: *Pode bem ser que sejam bons, porém um jantar que me deram a bordo tinha péssima cara e pior gosto.* Está no informe enviado ao Rio de Janeiro, informe que ainda termina assim: "*Enfim, tenho passado por algumas vergonhas...*"

Contudo, D. Leopoldina nunca protestou. Sorriu no dia da chegada. Sorriu depois. Sorria quase sempre. Sorriu até morrer.

Dois consolos profundos, de qualquer forma enchiam o nobre coração da pobrezinha: um grande amor pelo marido, pelo qual sèriamente se prendeu e o enlêvo que sempre viu no quadro da natureza exuberante da terra em que ia viver. Quando não a encontravam perto do espôso, em sua câmara privada, ou junto de seus livros prediletos, haviam de encontrá-la, seguida apenas de um ou dois lacaios, no dorso do seu tordilho marchador, caminho do Andaraí, do Corcovado ou da Tijuca, o saco das borboletas infalivelmente atravessado sôbre o arção da montada. Lá ia ela, feliz, a realizar o sonho róseo de sua meninice, por estradas, por bosques, por atalhos, rompendo ramarias, pisando samambaias ou sob ipês floridos, venturosa, saltando os riachinhos de cristal, ouvindo o espumear sonoro das cascatas, o guincho dos sagüis, o pio do macuco ou o silvo assustador das jararacas e surucucus.

Dizem que a vez primeira que subiu à Tijuca e da Vista Chinesa pôde olhar o conjunto teatral da natureza carioca murmurou radiosa:

— Que encantamento! E rebentou num pranto convulsivo.

Tinha a lágrima fácil, como o que traz no peito um coração de mel, repleto de doçuras e bondade. Era de uma ternura encantadora, de uma indulgência sem igual.

Quando D. Pedro, já Imperador, mantinha por amante a Marquesa de Santos, várias vêzes levou a duque-

sinha de Goiás, brôto de seus ilícitos amôres, ao Paço da Boa Vista. Certa vez, conta-se que D. Leopoldina, vendo que no colo de sua ama, a cândida criança lhe sorria e lhe agitava as trêfegas mãozinhas, num rasgo de profundo sentimento, dela se aproximou, beijando-a com ternura, prêsa embora de grande emoção e a repetir baixinho:

— Tu não tens culpa, minha filha!



Carro de bois (R.S.)